

Teosofia - parte 2

Rudolf Steiner

Capítulo II: Reencarnação do Espírito e Destino

Tradução: Anônima



Capítulo II: Reencarnação do Espírito e Destino

A alma vive entre o corpo e o espírito. As impressões que vêm a ela através do corpo são transitórias, e permanece apenas enquanto o corpo abre seus órgãos para as coisas do mundo exterior. Meu olho só percebe a cor rosa enquanto ela está na minha linha de visão. A presença das coisas no mundo exterior, bem como os órgãos do corpo são necessários para que uma impressão, uma sensação ou uma percepção possam ocorrer. Mas o que eu reconheci em meu espírito como verdade sobre a rosa não passa com o momento presente, e no que diz respeito a sua verdade, não é de modo algum dependente de mim. Seria verdade mesmo que eu nunca tivesse estado diante de uma rosa. O que eu reconheço através do espírito está enraizado em um elemento da vida anímica, através do qual a alma está ligada com um teor do mundo que se manifesta na alma independente da sua base física corpórea. O ponto aqui não é se o que se manifesta é, essencialmente, imperecível, e sim se a revelação à alma ocorre de forma que disso não participe sua base corpórea perecível, mas o que nela independe do transitório. O elemento permanente na alma entra em consideração no momento em que o homem se torna consciente de que sua alma tem experiências não limitadas pelo seu fator perecível. Mais uma vez o ponto importante não é se essas experiências vêm à consciência, principalmente através de processos perecíveis da organização corporal, mas o fato de que elas contêm algo que embora viva na alma, é independente do processo transitório de percepção. A alma é colocada entre o presente e o eterno, ela ocupa o lugar intermediário entre o corpo e o espírito. Ela também faz a mediação entre o presente e o eterno. Ela preserva o presente para recordação, resgatando-o, assim, da impermanência, levando-o para dentro da eternidade de seu próprio ser espiritual. Também sela o que perdura após o temporal e impermanente, não apenas absorvendo em sua própria vida as incitações transitórias, mas determinando as coisas por sua própria iniciativa e incorporando sua própria natureza em si na forma das ações que realiza. Ao lembrar - a alma preserva o ontem, pela ação - prepara o amanhã.

Se minha alma não pudesse reter o vermelho da rosa através de uma lembrança, ela sempre teria que percebê-la de novo para ser consciente disso. O que pode ser retido pela alma após uma impressão externa pode tornar-se uma imagem mental, independente da impressão externa. Através deste poder de visualização, a alma faz do mundo exterior seu próprio mundo interior. Ela pode reter na memória para a lembrança e, independente das impressões adquiridas, levar uma vida própria com ele. A vida da alma torna-se, assim, o efeito duradouro das impressões transitórias do mundo externo.

Ação também adquire permanência quando, uma vez que é impressa no mundo exterior. Se eu cortar um galho de uma árvore, através da minha alma ocorre algo que muda completamente o curso dos acontecimentos no mundo exterior. Algo bem diferente teria acontecido com o galho da árvore se eu não tivesse interferido por minha ação. Tenho chamado para a vida uma série de efeitos que, sem a minha existência, não teriam ocorrido. O que eu fiz hoje perdura para amanhã. Através da ação adquire permanência, assim como as minhas impressões de ontem tornaram-se permanente para a minha alma através da memória.

Por este fato de criar permanência através da ação, em nossa consciência comum não se forma uma visualização clara, como temos para a memória, como resultado de uma percepção de uma experiência. Não é o Eu de um homem, no entanto, ligada tanto à alteração do mundo resultante da ação, uma vez que é uma memória resultante de uma impressão? O Eu julga novas impressões de forma diferente, dependendo se ele

tem ou não uma ou outra lembrança. O "eu" entra em uma relação diferente com o mundo conforme tenha ou não realizado um ou outro ato. A questão de existir algo de novo nas relações do mundo com meu eu depende de eu ter ou não produzido uma impressão em outra pessoa por meio de um ato. Eu sou uma pessoa diferente na minha relação com o mundo depois de ter feito uma impressão sobre o que me rodeia.

Não perceber esse processo do mesma maneira como se percebe a alteração do eu ao acessar uma memória ocorre apenas porque a lembrança, quando formada, vincula-se à vida anímica sentida desde sempre como própria; mas o efeito externo da ação, livre dessa vida anímica, desdobra-se em conseqüências que constituem algo diferente do que o homem guarda a tal respeito em sua memória. Além disso, deve-se admitir que, depois de um ato que foi realizado, há algo no mundo sobre o qual o Eu tem carimbado o seu caráter. Uma questão deve surgir a respeito de se os resultados de uma ação, em que o "eu" carimbou sua própria natureza, possa manter a tendência de voltar para o "eu", assim como uma impressão preservadas na memória é revivida em resposta a algum estímulo externo? Não é possível que o que recebe a marca do ego no mundo externo espera também aproximar-se à alma humana de fora, assim como a memória, em resposta a um determinado estímulo, aproxima-se a partir de dentro? Essa questão só se coloca aqui como uma pergunta, porque, certamente, pode acontecer das conseqüências de uma ação, tendo a impressão do ego, não ter efeito na alma humana. Que estas conseqüências estão presentes como tal, e que através da sua presença eles determinam a relação do mundo com o "eu". É uma possível idéia ao se acompanhar com a atividade pensante o que se expôs aqui. Nos considerações seguintes vamos perguntar se há alguma coisa na vida humana que, a partir dessa possibilidade, aponta para uma realidade.

Vamos primeiro considerar a memória. Como se originou? Evidentemente, em um caminho diferente da sensação ou da percepção. Sem o olho eu não posso ter a sensação do azul, mas por meio do olho sozinho eu não formo a lembrança do azul. Para o olho me dar essa sensação, um objeto azul deve ficar diante dele. O corpo permitiria que todas as impressões afundassem novamente no esquecimento se não fosse o fato de que enquanto a imagem atual está sendo formada através do ato de percepção, algo está ocorrendo também na relação entre o mundo exterior e a alma. Essa atividade traz alguns resultados dentro do homem, permitindo -lhe, através de processos dentro de si mesmo, formar uma nova imagem do que, em primeiro lugar, foi provocada por uma percepção do mundo exterior. Quem possuir prática na observação da alma poderá achar errada a afirmativa pelo seguinte: hoje se tem uma representação mental e amanhã, devido à memória, essa representação torna a aparecer, após, entretantes, ela terá se conservado em alguma parte do homem. Não, a percepção que têm agora é um fenômeno que se vai com o "agora". Na lembrança, um processo ocorre em mim, que é o resultado de algo que aconteceu na relação entre o mundo externo e eu, além do que incitou a presente visualização. A imagem mental provocada através da lembrança não é uma visualização antiga preservada, mas uma nova. Relembrar consiste no fato de apresentar-nos uma e outra vez o que foi percebido. O que reaparece é algo diferente da visualização de origem. Esta observação é feita aqui, porque no domínio da ciência espiritual, é necessário que as concepções formadas sejam mais precisas do que acontece na vida comum e, de fato, também na ciência normal.

Lembro-me, ou seja, eu experimento algo não está mais presente. Uno-me a experiência passada com a minha vida atual. Este é o caso com cada lembrança. Digamos, por exemplo, que eu me encontro com um homem e, porque eu o conheci ontem, o reconheço. Ele seria um completo estranho para mim se eu fosse incapaz de

unir a imagem que eu fiz ontem através de minha percepção com a minha impressão dele hoje. Imagem dele de hoje é me dada pela minha percepção, ou seja, através de meus órgãos dos sentidos. Quem, então, evoca a imagem de ontem, em minha alma? É conjurado pelo mesmo ser em mim, que estava presente durante a minha experiência de ontem, e que também está presente hoje. Nas explicações anteriores esse ser tem sido chamado de alma. Se não fosse por este preservador fiel do passado, cada impressão externa seria sempre nova para nós. É certo que a alma imprime sobre o corpo, como se por meio de um sinal, o processo pelo qual algo se torna uma lembrança. No entanto, é a alma própria que deve fazer essa impressão e, em seguida, perceber como algo externo. Assim, a alma é o preservadora da memória.

Como preservadora do passado, a alma recolhe continuamente tesouros para o espírito. Eu poder distinguir entre o que é correto ou incorreto depende do fato de que eu, como homem, sou um ser pensante capaz de compreender a verdade em meu espírito. A verdade é eterna, e poderia revelar-se sempre para mim de novo nas coisas, mesmo que eu perdesse o passado e cada impressão fosse nova para mim. O espírito dentro de mim, no entanto, não se restringe às impressões do presente. A alma estende o horizonte do espírito sobre o passado, e quanto mais a alma é capaz de trazer o passado para o espírito, mais isso o enriquece. A alma transmite ao espírito que ela recebeu do corpo. O espírito do homem, portanto, carrega dentro de si, em todos os momentos, uma posse dupla. Em primeiro lugar, as leis eternas do bem e da verdade, e em segundo lugar, a lembrança das experiências do passado. Tudo no espírito humano é acompanhado da influência desses dois fatores. Se quisermos compreender um espírito humano, devemos, portanto, saber duas coisas diferentes: em primeiro lugar, quanto do eterno foi revelado a ele, e em segundo lugar, quantos tesouros do passado encontram-se armazenados dentro dele.

Estes tesouros, de forma alguma, não permanecem no espírito em uma forma inalterada. As impressões que o homem adquire de suas experiências desaparecem gradualmente da memória. Não é assim, porém, os seus frutos. Não lembro de todas as experiências vividas durante a infância quando adquiri as artes da leitura e escrita. No entanto, não saberia ler ou escrever se não tivesse tido tais experiências, e não teria seus frutos preservados na forma de habilidades. Tal é a transformação dos efeitos espirituais nos tesouros da memória. O espírito consigna ao seu destino o que pode levar das imagens das experiências separadas, e extrai delas apenas a força necessária para melhorar suas habilidades. Assim, nenhuma única experiência passa inutilizada. A alma de cada um preserva a memória, cada espírito chama por diante tudo o que pode enriquecer as suas habilidades e todo o conteúdo de sua vida. O espírito humano cresce através de experiências assimiladas, e embora não se possa encontrar experiências passadas no espírito como se estivesse em um depósito, encontra seus efeitos na capacidade que o homem adquiriu.

Até agora espírito e alma foram considerados somente dentro do período compreendido entre o nascimento e a morte. Nós não podemos parar por aí. Qualquer pessoa que pretenda fazê-lo seria observar o corpo humano só dentro desses mesmos limites. Muito pode certamente ser descoberto dentro destes limites, mas a forma humana nunca pode ser explicado pelo que se encontra entre o nascimento e morte. Ele não pode construir-se diretamente de meras substâncias e forças físicas. Ele só pode vir de uma força como a sua própria, que surge por hereditariedade. Os materiais e forças físicas constroem o corpo durante a vida. As forças da reprodução permitem que outro corpo, um corpo com uma forma semelhante, possa surgir a partir

dele - ou seja, capaz de ser o portador do mesmo corpo vital. Cada organismo vida é uma repetição de seu antepassado. Só por isso ele aparece, não em qualquer forma ao acaso, mas na medida em que lhe foi passado por hereditariedade. As forças que tornam possível a minha forma humana estava em meus antepassados.

O espírito de um homem também aparece em uma forma definida, e essas formas do homem espiritual são as mais variadas que se possa imaginar. Ao dizer isso, a palavra é usada naturalmente em sentido espiritual. Não existem dois seres humanos que têm a mesma forma espiritual. As observações nesta região devem ser feitas de uma forma tão silenciosa e com naturalidade como seriam feitas no mundo físico. Não se pode dizer que as diferenças humanas em seus aspectos espirituais surgem apenas a partir das diferenças em seu ambiente e sua educação. Não, isso não é o caso porque duas pessoas sob influências semelhantes de meio ambiente e educação podem se desenvolver de formas bastante diferentes. Estamos, portanto, forçados a admitir que eles entraram em seus caminhos de vida com diferentes predisposições. Aqui somos levados face a face com um fato importante que lança luz sobre a natureza do homem, quando o seu âmbito completo é reconhecido.

Qualquer um que direcionando sua visão exclusivamente para o lado dos acontecimentos materiais pode, de fato, afirmar que as diferenças individuais de personalidades humanas são provenientes de diferenças na constituição dos germes materiais. Tendo em vista as leis da hereditariedade descobertas por Gregor Mendel e desenvolvido por outros, tal afirmação pode oferecer muito que lhe dá a aparência de justificação, mesmo em julgamentos científicos. Tal decisão só mostra, porém, que essas pessoas não têm conhecimento sobre a relação real do homem com suas experiências. A observação cuidadosa mostra que as circunstâncias externas afetam pessoas diferentes de formas diferentes por causa de algo que de modo algum entra diretamente em interação com o desenvolvimento material. Para o pesquisador criterioso neste domínio torna-se aparente que o que sai da base material pode ser distinto do que surge através da interação mútua entre um homem e suas experiências, embora essas experiências só possam tomar forma através da participação da alma. A alma está ali claramente em relação a algo no mundo externo que, em virtude de sua própria natureza, não pode ser conectado com a base germinal material.

Homens diferem dos seus animais através de sua forma física, mas em relação a esta forma são, dentro de certos limites, semelhantes entre si. Existe apenas uma espécie humana. Por maior que seja as diferenças entre raças, povos, tribos e personalidades, no que se refere ao corpo físico, a semelhança entre o homem e o homem é maior do que entre o homem e qualquer espécie de animais. Tudo o que encontra expressão na espécie humana é condicionado pela herança dos descendentes e antepassados, e a forma humana está ligada a esta hereditariedade. Como o leão pode herdar sua forma corpórea física de seus antepassados leões, então o homem só pode herdar sua forma corpórea física a partir de ancestrais humanos.

A semelhança física de homens é evidente aos nossos olhos físicos, e as diferenças de suas formas espirituais revela-se ao nosso olhar espiritual imparcial. Há um fato que mostra isso claramente - a existência da biografia de um homem. Fosse um homem apenas um membro de uma espécie, nenhuma biografia poderia existir. Um

leão ou uma pomba são interessantes na medida em que pertencem a espécie do leão ou a espécie da pomba. Todos os seus elementos essenciais são entendidos quando a espécie é descrita. Pouco importa falamos do pai, filho ou neto. O que eles têm de interessante neles, pai, filho e neto têm em comum. O que um homem significa, no entanto, é encontrado apenas em sua individualidade, e não em seu ser apenas como membro de uma espécie. Eu não tenho a menor compreensão da natureza do Sr. Smith de Hoboken se eu descrever o seu filho ou seu pai. Eu preciso saber a sua própria biografia. Qualquer pessoa que reflete sobre a natureza da biografia percebe que em relação ao espiritual de cada homem, ele mesmo é uma espécie em si.

Aquelas pessoas que consideram uma biografia apenas como uma coleção de incidentes externos na vida de um indivíduo podem alegar que podem escrever a biografia de um cão da mesma forma que podem a de um homem. Mas qualquer um que retrata em uma biografia a individualidade real de um homem agarra o fato de que ele tem na sua biografia algo que corresponde à descrição de uma espécie inteira do reino animal. A questão não é, obviamente, o que podemos dizer da natureza de uma biografia sobre um animal - especialmente os mais inteligentes. O ponto é que a biografia humana não corresponde a uma biografia de um animal, mas à descrição das espécies animais. Claro, sempre haverá pessoas que vão buscar refutar dizendo que os proprietários de circos, por exemplo, sabem como os animais da mesma espécie diferem individualmente uns dos outros. O homem que julga, desta forma, no entanto, mostra apenas que ele é incapaz de distinguir a diferença individual da diferença que é adquirida apenas através da individualidade.

Agora, se a espécie, no sentido físico torna-se compreensível somente quando a entendemos como condicionada pela hereditariedade, assim, também o ser espiritual só pode ser compreendido através de uma hereditariedade espiritual similar. Recebi a minha forma física humana por causa da minha descendência de ancestrais humanos, mas de onde eu recebi o que encontra expressão na minha biografia? Como o homem físico, repito a forma dos meus antepassados. O que eu repito como homem espiritual? Qualquer um que diz que compreende a minha biografia não precisa de mais explicações, deve ser aceita apenas como é, também poderá dizer que ele tem visto um monte de terra em algum lugar em que pedaços de matéria integraram-se completamente em um homem vivo.

Como homem físico eu venho de outros homens físicos, porque eu tenho a mesma forma que toda a espécie humana. As qualidades das espécies, em conformidade, podem ser adquirida apenas dentro da hereditariedade. Como homem espiritual eu tenho a minha própria forma como eu tenho a minha própria biografia. Eu não posso ter obtido esta forma, portanto, de ninguém além de mim. Eu não entrei no mundo com indefinido, mas com alma - predisposições definidas, e o curso da minha vida, como se expressa na minha biografia é determinada por essas predisposições, o meu trabalho em cima de mim não pode ter começado com o meu nascimento. Ou seja, eu devo ter existido como homem espiritual antes do meu nascimento. Eu certamente não existia em meus antepassados, porque como seres humanos espirituais, eles diferem de mim. Minha biografia não é explicável através deles. Pelo contrário, como um ser espiritual que deve ser a repetição de alguém por cuja minha biografia pode ser explicado. A única alternativa concebível no momento seria a de que devo o caráter do conteúdo da minha biografia para uma vida espiritual em que eu existia antes do

nascimento ou, mais corretamente, da concepção. Devemos, no entanto, para manter esta opinião, estarmos dispostos a assumir que o que age sobre a alma humana de seu entorno físico é da mesma natureza que o que afeta a alma de um mundo puramente espiritual. Tal suposição contradiz observação realmente precisa, pois o efeito desse meio físico sobre a alma humana é como o efeito, produzido por uma nova experiência. Feita na vida física, sobre uma experiência anterior feita na mesma vida.

A fim de observar essas relações corretamente, deve-se adquirir uma percepção das impressões que operam na vida humana, cuja influência sobre as predisposições da alma é estar diante de um ato que tem que ser feito, e que está relacionada com o que já foi experimentado na vida física. Mas a alma não traz faculdades adquiridas nesta vida imediato para atender a essas impressões, mas predisposições, que recebem as impressões da mesma forma como fazem as faculdades adquiridas através da prática. Aquele que tem uma visão sobre estes assuntos chega à concepção de que outras vidas terrenas devem ter precedido esta presente. Em seu pensamento que ele não pode deter-se em experiências puramente espirituais que precederam esta presente vida terrena. A forma física de Schiller foi herdada de seus antepassados. Da mesma forma que era impossível para a forma física de Schiller ter crescido da terra, ele também era impossível para o seu ser espiritual o ter originado. Ele deve ter sido a repetição de outro ser espiritual através do qual sua biografia se torna explicável como sua forma física humana é explicável através da propagação humana. Da mesma forma, portanto, que a forma física humana é uma repetição, uma reencarnação de um ser da espécie humana, assim também o homem espiritual deve ser uma reencarnação do mesmo homem espiritual, uma vez que, como o homem espiritual, cada indivíduo é, de fato, sua própria espécie particular.

A objeção pode ser feita, contra as afirmações acima, de que não passam de especulações, e pode-se exigir provas externas como são habituais na ciência natural comum. A resposta a isso é que a reencarnação do homem espiritual é, naturalmente, um processo que não pertence ao domínio dos fatos físicos externos, mas que ocorre inteiramente na região espiritual. Nenhum dos nossos poderes ordinários de inteligência tem entrada para esta região salvo o pensar. Uma pessoa que não confia no poder do pensamento não pode, de fato, esclarecer-se sobre os fatos espirituais mais elevados. Para aquele cujo olho espiritual está aberto, os raciocínios acima atuam com a mesma força que um evento que acontece diante de seus olhos físicos. O indivíduo que atribui a uma chamada "prova", construída de acordo com os métodos da ciência natural, maior poder de convencimento do que as observações acima sobre a importância da biografia, pode ser no sentido comum da palavra, um grande cientista, mas ele está longe dos caminhos da verdadeira pesquisa espiritual.

Um dos pressupostos mais perigosos neste momento consiste em tentar explicar as qualidades espirituais de um homem pela transmissão hereditária do pai, mãe ou outros antepassados. Qualquer pessoa que detém a opinião, por exemplo, que Goethe herdou o que constitui a sua essência de seu pai ou mãe não estará acessível a quaisquer argumentos porque sua antipatia com a observação sem preconceitos está muito arraigada. Um feitiço materialista o impede de ver as conexões mútuas dos fenômenos em sua verdadeira luz.

Em tais observações, são fornecidas as premissas para seguir o homem além do nascimento e da morte. Dentro dos limites formados pelo nascimento e pela morte, o homem pertence aos mundos do corpo físico, da alma e do espírito. A alma forma o elo intermediário entre o corpo e o espírito, na medida em que dota o terceiro membro do corpo, o corpo anímico (ou da alma), com a capacidade de sensação, e na medida

em que permeia o primeiro membro do espírito, a identidade espiritual, como alma da consciência. Assim, ela participa durante a vida do corpo, bem como do espírito. Isto vem a expressão em toda a sua existência. Como a alma da sensação pode desdobrar suas capacidades dependerá da organização do corpo anímico. Por outro lado, da vida da alma da consciência dependerá como poderá desenvolver-se nela a identidade espiritual. Quanto mais altamente organizado o corpo anímico, mais completa a relação que a alma da sensação pode desenvolver com o mundo exterior. E a própria identidade espiritual se tornará muito mais rica e mais poderosa quanto mais a alma da consciência a alimentar. Tem sido demonstrado que, durante a vida este alimento é fornecido para a própria identidade espiritual através de experiências assimiladas e os frutos dessas experiências. A interação da alma e do espírito descrito acima só pode ter lugar onde a alma e o espírito estão dentro de si, interpenetrando um ao outro, isto é, dentro da conjunção da identidade espiritual com alma da consciência.

Vamos primeiro considerar a interação do corpo anímico e a alma da sensação. É evidente que o corpo anímico é a parte mais elaborada do corpo. No entanto, o corpo anímico pertence a corporalidade e é dependente dela. Em certo sentido, o corpo físico, corpo etérico e corpo-alma compõem um todo único. Por isso, o corpo anímico também é desenhado dentro das leis da hereditariedade física pelas quais o corpo recebe a sua forma. Ele é a forma do corpo mais móvel e volátil, e também deve apresentar as manifestações mais móveis e voláteis da hereditariedade. Portanto, enquanto a diferença no corpo físico correspondente às raças, povos e tribos é menor, e, em geral, a do corpo etérico também apresenta uma semelhança, já no corpo anímico a diferença é considerável. Nela se expressa o que é considerada a singularidade externa, pessoal de um indivíduo. Assim, ele também é portador da singularidade pessoal, que é passada de pais, avós e assim por diante, a seus descendentes. Como já foi explicado, é verdade que a alma, como tal, leva uma vida completamente própria, encerra-se em si mesma com as suas inclinações e aversões, seus sentimentos e paixões. No entanto, atua como um todo e esse todo se expressa também na alma da sensação. Porque a alma da sensação permeia o corpo anímico, este se estrutura com a natureza da alma e pode, desta forma, como o portador da hereditariedade, transmitir tendências, paixões e outras qualidades de pais para filhos.

A este fato que alude a afirmação de Goethe:

"Do meu pai eu tenho estatura e a conduta séria na vida, da minha mãe, uma disposição alegre e o amor de romance."

O gênio, é claro, ele não receberá de nenhum dos dois. Desta forma, é mostrado o que parte das qualidades da alma de um homem vem da linha da hereditariedade física. As substâncias e as forças do corpo físico estão de igual modo presentes em toda a esfera da natureza física externa. Elas estão continuamente assimiladas da natureza e restituídas a ela. No espaço de poucos anos, a matéria que compõe o nosso corpo físico é inteiramente renovada. Para que esta matéria tenha a forma do corpo humano, já que sempre se renova continuamente dentro deste corpo, o conjunto de substâncias precisa ser mantido coeso pelo corpo etérico. A forma do corpo etérico não é determinada por eventos entre o nascimento / concepção e a morte, mas é dependente das leis da hereditariedade, que se estendem além do nascimento e da morte. O fato das qualidades anímicas também poderem ser transmitidas por hereditariedade – de o processo de hereditariedade física receber uma infusão da alma - é devido ao fato de que o corpo anímico poder ser influenciado pela alma da sensação.

Agora, como é a interação entre a alma e o espírito? Durante a vida, o espírito está ligada com a alma da forma como foi explicado acima. A alma recebe do espírito o dom de viver dentro do bom e do verdadeiro, e, assim, de exprimir o próprio espírito dentro de sua vida individual, dentro de suas tendências, impulsos e paixões. Do mundo do espírito, a identidade espiritual traz para o "Eu" as leis eternas da verdade e do bem. Estes ligam-se através da alma da consciência com as experiências da própria vida da alma. Essas próprias experiências passarão, mas seus frutos permanecem. O próprio espírito recebe uma impressão duradoura por ter sido associado a estas experiências. Quando o espírito humano encontra uma experiência semelhante a uma outra já vivida, vê nela algo familiar, e é capaz de tomar uma atitude muito diferente em relação a ela do que tomaria no caso de estar vivenciando pela primeira vez. Esta é a base de toda a aprendizagem. Os frutos da aprendizagem são as capacidades adquiridas. Os frutos da vida transitória são, desta forma esculpidos no espírito eterno. Não vemos esses frutos? De onde surgem as predisposições e talentos inatos descritos acima como característica do homem espiritual? Certamente em capacidades de um tipo ou outro que o homem traz com ele quando ele começa a sua vida terrena. Em certos aspectos, estas capacidades se assemelham exatamente aquelas que também podemos adquirir por nós mesmos durante a vida.

Tomemos o caso de um gênio. Sabe-se que o menino Mozart poderia escrever a partir da memória, toda uma obra musical depois de apenas uma audição. Ele era capaz de fazer isso porque ele conseguia examinar o todo de uma só vez. Dentro de certos limites, o homem também é capaz, durante a vida, de aumentar sua capacidade de ver integralmente, de compreender as conexões, para que ele então adquira novas faculdades. De fato, Lessing disse de si mesmo que através de um talento para a observação crítica, ele havia adquirido para si algo próximo da genialidade. Se não quisermos considerar como milagres tais habilidades, fundamentadas em capacidades inatas, devemos considerá-las como frutos de experiências que o próprio espírito teve por meio de uma alma. Elas foram gravadas nesta identidade espiritual e desde que não tenham sido implantadas nesta vida, eles devem ter sido em um anterior. O espírito humano é sua própria espécie. Assim como o homem como um ser físico pertencente a uma espécie transmite suas qualidades dentro desta espécie, o espírito transmite suas qualidades dentro de suas espécies, ou seja, dentro de si. Em cada vida, o espírito humano aparece como uma repetição de si mesmo com os frutos de suas experiências anteriores em vidas anteriores. Esta vida é, portanto, a repetição de outras e traz com ela o que o próprio espírito tem adquirido para si, pelo próprio trabalho, na vida anterior. Quando o próprio espírito absorve algo que pode se transformar em fruto, ele permeia -se com o espírito vital. Assim como o corpo vital reproduz a forma de espécie para espécie, é desse modo que o espírito vital reproduzir a alma de uma existência pessoal para outra existência pessoal.

Através das considerações precedentes conclui-se que é válido procurar a razão de certos processos de vida do homem através de suas repetidas vidas terrenas. Esta idéia pode receber o seu pleno significado somente por meio de observações que brotam de discernimento espiritual, uma vez que é adquirido, seguindo o caminho do conhecimento descrito no fim deste livro. Aqui só era válida a intenção de mostrar que a observação comum justamente orientada pelo pensamento já leva a essa idéia. Observação deste tipo, é verdade, a princípio perceber a idéia como uma silhueta, e não será possível defender a idéia totalmente contra as objeções avançadas pela observação inexata que não seja corretamente guiada pelo pensamento. Por outro lado, é verdade que quem adquire essa idéia através da observação cuidadosa comum, torna -se pronto para a observação supra-sensível. Até certo ponto, ele desenvolve algo que, por necessidade, ele deve possuir antes desta observação supra-sensível, assim como é preciso ter olhos antes observar através dos sentidos.

Quem objeta que ao formar essa idéia a observação supra-sensível estaria exercendo auto-sugestão, prova apenas que é incapaz de adentrar na realidade com o livre pensar, e que é precisamente ele próprio quem sugere suas objeções.

As experiências da alma são conservadas, não só dentro dos limites do nascimento e da morte, mas para além da morte. A alma, no entanto, não imprime suas experiências apenas no espírito que reluz dentro dela, mas também no mundo exterior, através de suas obras e ações. O que um homem fez ontem é, ainda hoje, presente em seus efeitos. Uma imagem da conexão entre causa e efeito é dada na comparação do sono e da morte. O sono tem sido muitas vezes chamado de o irmão mais novo da morte. Levanto-me de manhã. Minha atividade consecutiva foi interrompida pela noite. Agora, em circunstâncias normais, não é possível para eu começar minha atividade de novo, de forma arbitrária. Eu devo conectá-lo com os meus feitos de ontem para dar ordem e coerência na minha vida. Minhas ações de ontem são as condições predeterminantes para as ações que me venho a fazer hoje. Eu criei o meu destino de hoje com o que eu fiz ontem. Eu me separei por algum tempo da minha atividade, mas esta atividade pertence a mim e chama-me de novo a si mesmo depois de eu ter me retirado dela por algum tempo. Meu passado permanece ligado a mim, continua a viver em meu presente e irá acompanhar -me para o meu futuro. Se os efeitos de minhas ações de ontem não eram para ser meu destino de hoje, eu não deveria ter que acordar esta manhã, mas ser recém-criado do nada a cada dia. Da mesma maneira seria absurdo se, em circunstâncias normais, eu não fosse ocupar uma casa que tinha construído para mim.

O espírito humano não é criado de novo quando ele começa a sua vida terrena assim como um homem não é re-criado, todas as manhãs. Vamos tentar deixar claro para nós mesmos o que acontece quando a entrada nesta vida acontece. Surge um corpo físico, recebendo sua forma através das leis da hereditariedade. Esse corpo se torna o portador de um espírito que repete uma vida anterior em uma nova forma. Entre os dois está a alma que leva uma vida auto-suficiente por si só. Suas inclinações e aversões, desejos e vontades, servem-na. Pressiona o pensamento a seu serviço. Como alma da sensação, recebe as impressões do mundo exterior e as leva ao espírito, a fim de que o espírito possa extrair deles os frutos que serão permanentes. Ela desempenha, por assim dizer, um papel intermediário, e sua tarefa é cumprida quando o faz satisfatoriamente. O corpo forma impressões para a alma da sensação que as transforma em sensações, as retém na memória como representações mentais, e cede-as ao espírito para que as leve eternamente. A alma é realmente a parte do homem através da qual ele se liga a sua vida terrena. Através de seu corpo ele pertence à espécie humana física, por isso ele é um membro da espécie. Com seu espírito vive em um mundo superior. A alma liga os dois mundos juntos temporariamente.

O mundo físico em que o espírito humano entra, no entanto, não é um cenário estranho. Nele estão impressos os traços de suas ações. Algo nesse campo de ação pertence ao espírito, está relacionado com ele. Assim como a alma anteriormente transmitiu as impressões do mundo exterior ao espírito, a fim de que eles possam se tornar duradoura nele, então agora a alma, como órgão do espírito, converteu as capacidades que lhe foram atribuídas pelo espírito em ações que são também duradouro nos seus efeitos. Assim, a alma realmente fluiu dentro dessas ações. Nos efeitos de suas ações, a alma de um homem vive uma segunda vida independente. Esta afirmação nos dá um motivo para examinar a vida, a fim de ver como os processos de destino entrarão nela. Algo acontece a um homem. Ele é,

provavelmente, a princípio inclinado a considerar tal acontecimento como algo vindo em sua vida por acaso, mas ele pode se tornar consciente de como ele mesmo é o resultado de tais acasos. Qualquer um que se observa aos 40 anos na busca da natureza de sua alma e se recusa a se contentar com uma concepção irreal e abstrata do "eu", pode muito bem dizer para si mesmo :

"Eu sou , na verdade, nada mais nada menos do que o que eu me tornei através de experiências da vida, através do que já aconteceu comigo por causa do destino até o presente. Será que eu não seria um homem diferente hoje se tivesse passado por uma série de experiências diferentes daquelas pelas quais passei desde os vinte anos de idade?"

O homem , então, buscará o seu "eu " não apenas naqueles impulsos de desenvolvimento que vêm a ele de dentro do seu íntimo para fora, mas também no que tem sua formação a partir de fora. Ele vai reconhecer o seu próprio "eu" no que lhe acontece. Se nos entregamos sem reservas a tal percepção, então, apenas uma observação mais íntima da vida é necessária para captarmos, no que vem a nós através de certas experiências do destino, algo que se apodera do ego de fora, assim como a memória, trabalhando a partir de dentro, se apodera de nós, a fim de fazer uma experiência do passado piscar novamente. Assim, podemos tornar-nos capazes de perceber nas experiências de destino, como um ação anterior da alma encontra o seu caminho para o eu, da mesma forma como, na memória, uma experiência anterior, se convocada por uma causa externa, encontra o seu caminho para a mente como uma representação mental – um pensamento.

Já foi mencionado como um possível alvo de consideração que as consequências de um ato podem apresentarem-se a alma humana novamente. Em relação às consequências de algumas ações, tal encontro fica fora de questão no curso de uma vida terrena, pois que a vida na Terra foi organizada especialmente para a realização do ato. Experiência reside na realização da ação. Nesse caso, uma consequência definitiva da ação não pode vir ao encontro da alma igualmente alguém não pode lembrar uma experiência ainda no meio dela. Trata-se apenas dos resultados das ações que não atendem o eu enquanto ele tem as disposições pertencentes a vida terrena em que foi feita a ação. Nosso olhar só pode ser direcionado para as consequências da ação de outra vida terrena. Se uma experiência de destino "acontece " conosco, e nós sentimos que ele está conectado com o eu como algo que formou -se no íntimo de sua natureza interior, então só podemos pensar que tal vivência do destino se relaciona com consequências de ações de vivências terrenas anteriores. Vemos que somos levados, através de uma compreensão íntima da vida, à suposição - paradoxal para a consciência comum - que as experiências de destino de uma vida na Terra estão conectadas com os atos de vidas terrenas anteriores. Essa idéia nova só pode receber o seu conteúdo integral, através do conhecimento supra-sensível; na falta deste, ela permanece como uma mera silhueta. Mais uma vez, no entanto, este pensamento, esta idéia, pela consciência comum, prepara a alma para que ela seja habilitada para contemplar a sua verdade na observação realmente supra-sensível.

Apenas uma parte da minha ação está no mundo exterior, a outra está em mim mesmo. Vamos fazer essa relação do eu com a ação através de um exemplo simples da ciência natural. Animais dotados de visão migraram para as cavernas do Kentucky, e, como resultado de sua vida lá, perderam o seu poder de visão. A permanência na escuridão privou os olhos de sua função. Consequentemente, a atividade física e química que normalmente ocorre quando se vê já não é realizada nestes olhos. O fluxo nutritivo anteriormente despendido nessa atividade flui agora para outros órgãos. Agora , estes animais são capazes de viver apenas nestas cavernas. Eles, por seu

ato, por sua imigração, criaram as condições de sua vida ulterior. A imigração tornou-se uma parte do seu destino. Um ser que uma vez agiu, uniu-se aos resultados de sua ação. Isso também acontece com o espírito humano. A alma só foi capaz de transmitir certas capacidades do espírito através da realização de ações, e estas capacidades correspondem às ações. Através de uma ação que a alma tenha realizado, vive na alma a predisposição energética para executar outra ação que é o fruto da primeira ação. A alma carrega isso dentro de si como uma necessidade até que a ação subsequente ocorra. Poderíamos também dizer que através de uma ação, a alma necessita levar a cabo as conseqüências dessa ação.

Por meio de suas ações, o espírito humano realmente preparou seu próprio destino. Em uma nova vida que se encontra ligado ao que fez em uma vida anterior.

Pode-se perguntar:

"Como pode ser isso, se o espírito humano em sua reencarnação se encontra em um mundo totalmente diferente daquele que deixou em um momento anterior?"

Esta questão é baseada em uma noção superficial das conexões de destino. Se eu mudar meu campo de ação da Europa para a América, eu também me encontro em um ambiente inteiramente novo. No entanto, a minha vida na América depende inteiramente da minha vida anterior na Europa. Se eu tenho sido um mecânico na Europa, a minha vida na América iria moldar-se em uma maneira muito diferente do que se eu tivesse me tornado um funcionário do banco. No primeiro exemplo, eu provavelmente deveria estar cercado por máquinas na América, no outro, por uma parafernália bancária. Em cada caso, a minha vida anterior determina o meu novo ambiente. Ela atrai a si mesmo, por assim dizer, de todo o mundo ao redor, essas coisas que estão relacionadas a ela. Assim é com o próprio espírito. Ele inevitavelmente envolve-se em uma nova vida com o que está relacionada a partir de vidas anteriores.

Por conta disso o sono é uma imagem apropriada da morte porque um homem, durante o sono é retirado do campo de ação no qual o seu destino o aguarda. Enquanto dormimos, os eventos neste campo de ação seguem seu curso. Por um certo tempo, não temos nenhuma influência sobre este curso de acontecimentos. Nossa vida depende, no entanto, dos efeitos das ações do dia anterior. Nossa personalidade realmente incorpora ou encarna-se de novo todas as manhãs no nosso mundo de ação. O que foi separado de nós durante a noite, fica nos envolvendo durante todo o dia.

Assim é com as ações realizadas encarnações anteriores. Eles estão ligados ao homem como o seu destino, assim como a vida nas cavernas escuras Kentucky permanece ligado aos animais que, ao migrar para elas, perderam o seu poder de visão. Assim como esses animais só podem viver no ambiente no qual se colocaram, do mesmo modo o espírito humano só é capaz de viver no ambiente que ele criou para si por meio de seus atos. O curso direto dos acontecimentos é que faz com que pela manhã eu me depare com a situação que eu próprio criei no dia precedente. O encontro com um ambiente correspondente aos resultados de minhas ações em uma vida anterior, é provocada pela relação do meu espírito reencarnado com as coisas do mundo circundante. A partir disso podemos formar uma idéia de como a alma é definida na constituição humana. O corpo físico está sujeito às leis da hereditariedade. O espírito humano, ao contrário, tem de encarnar uma e outra vez, e sua lei consiste em trazer os frutos das vidas anteriores para as seguintes. A alma vive no presente, mas esta vida no presente não é independente das vidas anteriores, porque o espírito encarnado traz seu destino com ele a partir de suas encarnações

anteriores. Este destino determina a vida. Que impressões a alma será capaz de ter, quais desejos poderão ser gratificados, que tristezas e alegrias deve desenvolver, com o que homens e mulheres deve entrar em contato - tudo isso depende da natureza das ações em nos suas últimas encarnações do espírito. A alma deve reencontrar pessoas novamente em uma vida posterior com quem ela estava ligado em uma vida anterior, porque as ações que ocorreram entre elas devem ter suas conseqüências. Quando esta alma busca reencarnação, essas outras almas que estão ligadas a ela também vão se esforçar para a sua encarnação, ao mesmo tempo. A vida da alma é, portanto, o resultado do destino que o espírito humano cria para si mesmo.

O curso da vida do homem entre o nascimento e a morte é determinada de forma tríplice. Em consequência, ele é dependente de um modo triplo de fatores que se encontram além do nascimento e da morte. O corpo está sujeito à lei da hereditariedade, a alma está sujeita ao seu destino criado pelo próprio homem - o seu karma e o espírito está sob a lei da reencarnação, das repetidas vidas terrenas.

Pode-se também expressar a relação entre espírito, alma e corpo da seguinte forma:

- O espírito é imortal.
- O nascimento e a morte imperam na corporalidade segundo as leis do mundo físico.
- A vida da alma, que está sujeita ao destino, faz a ligação de ambos durante uma vida terrena.

Todos os demais conhecimentos sobre o ser do homem pressupõem o conhecimento dos três mundos a que pertence. Estes três mundos serão tratados no próximo capítulo.

Um pensar que enfrenta os fenômenos da vida e não tem medo de seguir, até suas últimas conseqüências, os pensamentos resultantes de uma viva contemplação da vida pode, por pura lógica, chegar à concepção da lei do karma e repetidas encarnações. Assim como é verdade que, para o vidente, aquele que o olho espiritual se abriu, as vidas passadas se apresentarem diante dele como um livro aberto, também é certo que tudo pode tornar-se evidente para a razão imparcial que reflete sobre a verdade.